

RUY FABIANO

Pontão de Vista

Crise e alienação

Uma das grandes deficiências da vida política brasileira, na ótica do ex-presidente Sarney, é seu olímpico distanciamento da realidade internacional. Talvez por ser um País muito grande, o Brasil tenha dificuldades de enxergar além do próprio umbigo. Sequer presta atenção aos seus próprios vizinhos continentais.

Essa distorção, segundo o senador, alcança a própria imprensa, que habitualmente, em suas análises do quadro político interno, ignora solenemente o que se passa lá fora. Ou pelo menos não faz a devida conexão entre uma coisa e outra. Os espaços concedidos à política internacional são modestos em relação à sua importância.

Isso explica por que o Brasil habitualmente chega com grande atraso aos grandes acontecimentos internacionais, muitas vezes atrás mesmo de países de importância inferior à sua. O Paraguai, por exemplo, enxergou antes de nós a revolução da informática, abrindo o seu mercado consumidor para as novas tecnologias do ramo. No Brasil, criou-se a reserva de mercado, que colocou o País à margem do processo, o que equivale dizer à margem de praticamente tudo que se relacione com modernidade e progresso.

Essa alienação em relação à realidade mundial explica, em parte, algumas anomalias da Constituição de 1988. Oito meses depois de sua promulgação, ruía o Muro de Berlim e, com ele, o mundo socialista. O colapso total deu-se em tempo curto, em poucas semanas, dentro do chamado efeito dominó. Mas os sinais de que isso aconteceria já estavam claros há alguns anos.

O universo político brasileiro, no entanto, ignorou essa discussão e marchou com euforia em sentido exatamente inverso ao que o mundo trafegava. Enquanto

em todo o planeta questionava-se o papel do Estado e a necessidade de reduzi-lo a algumas funções básicas, os constituintes de 1988, inversamente, exacerbavam suas funções. Enquanto o mundo partia para a chamada globalização da economia, criando blocos continentais, como a Europa Unida, a Nafta ou os Tigres Asiáticos, o Brasil adotava reservas de mercado, restringia o conceito de empresa nacional e criava outros óbices ao ingresso de capitais.

O resultado é que a Constituição fruto desses procedimentos ganhou, logo após sua promulgação, o epíteto de esclerosada. Os três presidentes que tiveram que com ela governar — Sarney, Collor e Itamar — a consideraram matriz da ingovernabilidade. O deputado Delfim Neto diz que seu melhor dispositivo é o que manda revê-la por completo cinco anos depois — isto é, em outubro próximo.

Sarney acha que esse trabalho deve começar desde já, para que não se entre pela companhia eleitoral. E que seus autores devem, desta vez, projetar suas antenas para o mundo, buscando conectar o Brasil com a realidade planetária. É do exterior, pensa Sarney, que devem surgir ações fundamentais para tirar o Brasil do atoleiro. Os interesses transnacionais, hoje, criaram uma realidade comum, que obriga os países ricos a reverter suas políticas econômicas.

Temas como epidemias (Aids, cólera etc.), meio ambiente e migrações em massa dos países pobres para os ricos transcendem fronteiras e impõem uma ação mais efetiva de auxílio ao Terceiro Mundo. E o Brasil, por suas dimensões físicas e demográficas, não pode ser ignorado. Nem muito menos continuar ignorando o que se passa em sua volta.